PSICANÁLISE: TRANSMISSÃO E ENSINO

Ângela Mucida

Uma questão percorre de imediato a leitura desses textos de 56/57 (A situação da psicanálise em 56 e A psicanálise e seu ensino): como eles interrogam acerca do ensino, transmissão e da situação da psicanálise hoje? Optando pela primeira parte da pergunta essa leitura traça, de alguma forma, pontos concernentes à segunda.

O que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?, é a questão fundamental que recobrirá os dois textos, ou seja, trata-se de formalizar as teses que instituem a psicanálise como ciência e os princípios do programa de seu ensino.

Apesar de não haver ainda uma formalização mais precisa distinguindo ensino e transmissão, Lacan diferencia a coletividade dos analistas de uma sociedade científica fundamentada numa prática comum (LACAN -a- 1998:458). Critica também os institutos fundados pela instituição psicanalítica da época que não passavam de um ensino meramente profissional e não expunham em seus programas e planejamentos nada que ultrapassasse a uma escola de dentistas. Significando com isso que tais programas não faziam valer a tese freudiana da psicanálise em intensão e extensão. E em Situação da psicanálise em 1956 ele é incisivo ao afirmar que nessa situação, a falha não é de nível mental, mas uma falha no ensino que se alia ao erro teórico na doutrina. De que erro se trata?

O tom magistral dos analistas ao sustentarem sua doutrina, quando tentam responder ao interesse de outras disciplinas pela psicanálise, conjuga-se a uma identificação imaginária, tal como descrita por Freud em Psicologia das massas. Identificação que se apoia na suficiência, uma hierarquia para além de qualquer necessidade de comprovação, que basta a si mesma.. Ensino, portanto, que não ouve a literalidade do discurso para além do mal-entendido fundamental subsistente

em todo ato de compreensão.

Finalmente, Lacan assinala que a particularidade da formação dos analistas - afirmando-se sob postulados psicológicos - introduz também uma autoridade, nada parecida em toda ciência, buscando na suficiência a sua qualificação. Concluindo que a explicação dessa situação deva ser buscada mais na psicanálise do que nos analistas, a psicanálise é definida como o tratamento que se espera de um analista, é justamente a primeira, no entanto, que decide sobre a qualidade do segundo. (LACAN b-1998:462). Marcando, dessa forma, um interesse maior pela psicanálise do que pela instituição, apesar de sabermos que a ex-sistência do analista ao saber, demanda uma instituição que saiba lidar com o Um que não faz parceiro.

Pois bem, apesar da supremacia do simbólico nesse momento, Lacan coloca em cena conceitos de verdade, sintoma, escrita, literalidade do discurso entre outros e conclui o texto, A psicanálise e seu ensino, afirmando que qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome(...) só se produzirá pela via do estilo. (LACAN,1998: 460) convocando, portanto, uma leitura para além do simbólico.

A tese o estilo é o homem de Buffon, acrescida por Lacan: o homem a quem nos endereçamos? (LACAN,1998:9), assinalando a incerteza do estatuto do homem, modifica-se em seu ensino para o estilo é o objeto. Atentemo-nos, inicialmente, para o conceito de estilo.

Conforme Haroldo Campos, a palavra latina stilus, tem o sentido de instrumento pontiagudo de metal ou osso, com o qual se escrevia nas tábuas enceradas (CAMPOS,1998: 138) e em português tem uma mesma proximidade etimológica: estilete. Etimologia interessante para pensarmos já de início, o ensino e a transmissão: estilo- algo que se escreve fazendo marcas, sulcos, cortes...Por sua vez, Catherine Backès-Clement acrescenta que o estilo definido por Lacan, se situa de partida fora de sua situação literária, ou antes, ele é o correlato necessário daquilo que, em Lacan, se chama LETRA, e regenera o significante literatura, que vem de belas-letras. O estilo, formação revolucionária no plano da linguagem, é o que no pensamento de Lacan, torna possível um ultrapassamento da literatura em proveito da literalidade: poder da letra, instância da letra no inconsciente.(...)

A conjunção estilo - letra nos reenvia a uma extensão do simbólico para além do campo das representações, inscrevendo uma outra materialidade também do objeto, tal como a letra em estado bruto, já que o a, que se chama objeto é, para Lacan, uma letra (LACAN -c,1985,40). Nessa direção, torna-se importante uma certa distinção entre significante e letra.

Para Milner (A obra clara, 104) o significante encarna o campo das relações de diferença, é sem positividade, sem qualidade e identidade. Ele não é

como é, mas é integralmente definido por seu lugar sistêmico, sendo impossível deslocá-lo. Dadas essas características, conclui-se que o significante é indestrutível, apesar de não está presente ali onde ele é chamado. Ele é , ainda, imperativo e causa do gozo. A letra, ao contrário, é qualificada, tem um suporte sensível, um referente e é idêntica a si mesma em um mesmo discurso. Ela pode ser deslocada, permutada; manejada. Sendo deslocável, a letra é transmitível; transmite o que ela é, enquanto o significante não transmite nada, apenas representa algo na cadeia onde ele se encontra. E no discurso analítico, afirma Lacan (LACAN,1985:52) ,é sempre isto- ao que se enuncia de significante, vocês dão sempre uma leitura outra que não o que ele significa. Ou seja, trata-se sempre dos efeitos do discurso que a letra encarna.

Apesar das diferenças, é a dimensão do significante que determina as funções da letra; a letra seria o significante destituído de efeitos de sentido ou de significância. O significante sem efeitos de significado, a letra, é assim definida por Lacan : A letra, lê-se, como uma carta. Parece mesmo feita no prolongamento da palavra .Lê-se, e literalmente. Mas não é justamente a mesma coisa ler uma letra, ou bem ler .É evidente que, no discurso analítico, só se trata disto, do que se Lê e tomando o que se lê para além do que vocês incitaram o sujeito a dizer (LACAN,1985 : 39).

Uma tese a ser extraída do Seminário 20, acerca do significante e da letra, é que quanto mais o significante funciona como letra, maior é sua operação em termos de significância e menor seu valor semântico.

Do estilo ao objeto e à letra, tais teses nos remetem ao conceito de alíngua. Retomando a tese do "inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan acentua no Mais, ainda que de início a linguagem não existe, mas sim a função da alíngua. Em termos gerais pode-se afirmar que a alíngua , como nos lembra Gerbase, é constituída dos signnificantes com os quais o sujeito entra em contanto antes mesmo de poder discernir sua significação (GERBASE, 1998 : 149). Portanto, significantes sem qualquer significado ou sentido. Mas alíngua , antes de implicar uma carência de língua ou de linguagem, ao contrário, é uma língua que serve a coisas inteiramente diversas da comunicação (CAMPOS,1998: 154). O que não se presta à comunicação, já sabemos, é índice essencial à transmissão.

Do significante à letra e à literalidade, Lacan apostou numa hipótese de uma transmissão integral, fundando nessa perspectiva a sua Escola. A dissolução da mesma, segundo Milner, demonstra que o tripé de hipóteses que a sustentaram não foi suficiente, a saber, na psicanálise algo se transmite integralmente e isso se dá pela Escola por meio dos matemas. Se em termos de ensino, os matemas têm sido ainda um suporte, o mesmo não ocorre com a transmissão que, pressupondo uma experiência, indo do particular ao universal, é refratária à

matematização integral. Sua eficácia, ao contrário, pressupõe que nem tudo pode ser escrito. Um "nem tudo pode ser escrito" no qual reside, no entanto, a possibilidade de leituras nas quais quem lê é convocado, impelido, a colocar ali algo de si, deixando a marca de sua escrita, efeito da letra.

De qualquer forma não podemos nos esquecer que as dissoluções, as dissidências e as desordens institucionais no campo analítico anunciam a necessidade de cortes a serem feitos no próprio saber. Cortes que nos remetem, novamente, ao estilete do estilo - a letra.

A associação entre letra e descontinuidade é aproximada por Lacan à rasura. Assim como a terra é feita de rachaduras, sulcos, rasuras...da mesma forma, quando tentamos escrever, passamos pelas "rasuras" do texto; uma palavra à outra na busca do "bem-dizer". Cada rasura acaba por traçar no texto novos rumos. Se, por um lado, as rasuras instauram a repetição, por outro lado, elas se fazem também por deslocamentos. Entretanto, a rasura da qual se trata aqui diz da busca de uma palavra mais próxima à "coisa", o que leva, inevitavelmente, aos limites do simbólico e o encontro com o real. O que o simbólico expele de seus domínios, deixa marcas no real.

Num texto de 1971 intitulado "Lituraterre", junção de "litura" (sentido de rasura) e terra, Lacan evoca uma experiência ao voltar do Japão (quando avista sob as nuvens a planície siberiana com seus sulcos e cursos d'água) como metáfora para a escrita: domínio das nuvens, cadeia significante e dos sulcos, domínio por excelência da ruptura , da letra, do gozo.

No Seminário 20 ele retoma o referido texto no ponto no qual afirmava "a nuvem da linguagem faz escrita", acentuando então que a escrita "é um traço onde se lê um efeito de linguagem. É o que se passa quando vocês garatujam alguma coisa." (LACAN,1981:164) . Garatuja, poderíamos dizer, que escava a escrita como um gozo que escava o corpo. De qualquer forma, algo que se assemelha à experiência analítica em cada análise: o sujeito capturado pelos embaraços da cadeia significante e entregue aos sulcos abertos por seus variados modos de gozar, mas tendo que dar conta desse elemento residual.

Resíduo, resto, lixo...isso nos reenvia a uma outra conotação dada por Lacan à letra. No Seminário sobre "A carta roubada" há uma cadeia entre carta (letter) - letra e lixo (littter) . A letra ou a carta é um objeto passível de ser destacável , podendo ser também manuseado, adulterado, guardado, deixado como resíduo, resto ou lixo. E sabemos com Lacan que o melhor que se espera da psicanálise em seu fim, é ir da letter a litter.(LACAN, Ornicar? :5).

Assim, ao contrário do pensava Wittgenstein (é preciso calar-se sobre o que não se deixa dizer), é necessário que façamos do estilete efeitos de escrita de uma Escola. Como? - Sabemos de antemão que as categorias apontadas por Lacan ("Situação da psicanálise em 56") da "suficiência", "insuficiência",

"sapatinhos apertados" e dos "Bem necessários", vão na contra mão do que se espera de uma escola de analistas. Sabemos , ainda, que a pressuposição de uma transmissão integral por meio de matemas não foi suficiente para sustentar sua escola. Talvez, então, devamos interrogar - formalizando a partir dos resíduos extraídos de uma experiência acumulada- como sustentar um ensino e uma transmissão pela letra e pela clínica dos nós, apostando na falência dicotômica entre mestres e discípulos.

Sabemos que hoje, mais do que nunca, o tratamento do lixo é uma questão fundamental da vida urbana. A isso a psicanálise não está também imune. Sobre a questão: "Que Escola Queremos?" devemos também nos perguntar quais seriam nela os dispositivos, ou o tratamento possível dado aos resíduos, ao lixo, na prática de seu ensino e de sua transmissão?

Referências bibliográficas

CAMPOS, H. "O afreudisíaco Lacan na Galáxia de lalíngua", In: Correio, no 18/19, EBP, janeiro 1998.

LACAN,J.(a). "A psicanálise e seu ensino". In: Escrito. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

———————(b), "Situação da psicanálise em 1956". In: Escritos, op. Cit.

———————. O Seminário. Livro 20. Mais, ainda. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

——————— ."Lituraterre". In: Ornicar? Revue du Champ Freudien, n 41,p.5

MILNER,J-C. A obra Clara.Rio de Janeiro, Jorge Zahar,1996.